

Arquétipo

- **Arquétipo**¹ - São estruturas virtuais, primordiais da *psiquê*, responsáveis por padrões e tendências de comportamentos comuns. São anteriores à vida consciente. Não são passíveis de materialização, mas de representação simbólica. Para Jung, são hereditários e representam o aspecto psíquico do cérebro. São universais, comuns a todos os seres humanos e ordenam imagens reconhecíveis pelos efeitos que produzem. Pode-se percebê-los pelos *complexos* que todos temos, pelas imagens arquetípicas que geram, assim como pelas tendências culturais coletivas.

Arquétipo²

Buscando conceber uma base para o funcionamento da *psiquê* e, ao mesmo tempo, estabelecendo uma estrutura que justificasse a gama dos fenômenos humanos, Jung intuiu o conceito de arquétipo. Ele penetrou na essência da criação do Espírito, no que diz respeito ao seu contato primitivo com o mundo.

O arquétipo é um conceito que representa uma estrutura psíquica pertencente à mente. Por ele passa o impulso criador oriundo do Espírito. É uma palavra que define uma tendência a alguma ação e que está presente no psiquismo de todo ser humano. É um conceito que afirma a existência, no psiquismo individual, de tendências a agir coletivamente. Eles são as matrizes coletivas sobre as quais erigimos nossa individualidade. Originaram-se a partir das experiências repetidas que, embora automatizadas no corpo físico, geraram matrizes psíquicas. Não são tendências instintivas, visto que não pertencem ao corpo, mas ao perispírito. Os instintos não são perispirituais, mas orgânicos. Eles se enraízam no corpo vital e são a “inteligência” do organismo. Os arquétipos estão para o perispírito da mesma forma que os instintos estão para o corpo físico.

Os arquétipos são formas virtuais e configurações da *psiquê* automática. Eles não são passíveis de percepção direta, mas sim através de representações e de imagens.

São na verdade **vetores das tendências da vontade**, a qual se submete ao direcionamento deles. Sua estruturação se inicia no contato do Espírito com a matéria através do perispírito. Portanto o arquétipo é uma estrutura funcional do perispírito e nele se enraíza. Não é um órgão fisiológico, mas um princípio de concepção e formação do pensamento e, por conseguinte, das emoções, sentimentos e ações.

¹ NOVAES, Adenauer. *Mito Pessoal e Destino Humano*. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2005, p. 250.

² NOVAES, Adenauer. *Psicologia do Espírito*. 2. ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2004, p. 171-173.

O arquétipo não é uma estrutura concebida a priori ao Espírito. Ele se forma na sua ligação com o mundo. Fazendo uma comparação, pode-se dizer que o arquétipo primordial do ser é sua tendência ao encontro com Deus. Esse seria, então, o primeiro arquétipo e, talvez, o único a priori.

O arquétipo é uma espécie de funil por onde a vontade, o desejo, a motivação e o impulso criador atravessam, em busca de realização. Configura-se como um arranjo espacial na *psiquê*.

O Inconsciente Coletivo ou a *Psiquê* Objetiva é o nome dado por Jung para os conteúdos da estrutura psíquica, a qual consta em todo ser humano e que se constitui de arquétipos.

Jung escreveu que *“Os arquétipos são sistemas de prontidão que são ao mesmo tempo imagens e emoções. São hereditários como a estrutura do cérebro. Na verdade é o aspecto psíquico do cérebro. Constituem, por um lado, um preconceito instintivo muito forte e, por outro lado, são os mais eficientes auxiliares das adaptações instintivas. Propriamente falando, são a parte ctônica da psique – se assim podemos falar – aquela parte através da qual a psique está vinculada a natureza, ou pelo menos em que seus vínculos com a terra e o mundo aparecem claramente. Os arquétipos são formas típicas de comportamento que, ao se tornarem conscientes, assumem o aspecto de representações, como tudo o que se torna conteúdo da consciência. Os arquétipos são anteriores à consciência e, provavelmente, são eles que formam os dominantes estruturais da psique em geral, assemelhando-se ao sistema axial dos cristais que existe em potência na água-mãe, mas não é diretamente perceptível pela observação. Do ponto de vista empírico, contudo, o arquétipo jamais se forma no interior da vida orgânica em geral. Ele aparece ao mesmo tempo que a vida. “Dei o nome de arquétipos a esses padrões, valendo-me de uma expressão de Santo Agostinho: Arquétipo significa um “Typos” (impressão, marca-impressão), um agrupamento definido de caracteres arcaicos, que, em forma e significado, encerra motivos mitológicos, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore.”*

Suas palavras me fazem entender que ele estava se referindo a algo virtual, além da estrutura do corpo físico e que permeia os comportamentos coletivos do ser humano. Algo que o leva além de sua própria individualidade e que não o diferencia dos demais seres humanos. Que não se encontra nem no Espírito nem no corpo, mas na estrutura intermediária que liga um ao outro.

Buscas arquetípicas³

Buscas arquetípicas são as realizações das tendências básicas do ser humano, isto é, tendências comuns da vida. A palavra arquetípica deriva de arquétipo, que

³ NOVAES, Adenauer. *Mito Pessoal e Destino Humano*. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2005, p. 53-58.

quer dizer tendência coletiva a agir de determinada forma padronizada. Algumas dessas tendências são muito conhecidas e básicas, tais como: abrigar-se sob a proteção do materno, relacionar-se afetivamente com alguém, apresentar uma imagem idealizada de si mesmo aos outros, evitar enxergar o lado negado ou oculto da própria personalidade, perceber os conselhos de uma voz interior sábia, desejar conhecer e explicar o mundo, reconhecer e adotar uma certa ordem na vida, resistir ao impulso da permanência numa certa inocência ou ingenuidade, dentre outras.

Abrigar-se sobre a proteção do materno, quer dizer: ter a tendência a procurar proteção ou ajuda diante de desafios ou dificuldades. Da mesma forma, agregar-se em família, constituindo-a e protegendo seus membros, também é uma representação dessa tendência. Há pessoas que supervalorizam os processos familiares, não abrindo espaços para a ampliação da fraternidade, para a inclusão de mais pessoas em seu rol de afetos. Vivem exclusivamente para a família consanguínea sem considerar que há uma família maior, a espiritual. Esta se estrutura pelos laços de afinidade entre os espíritos, independentemente do grau de parentesco, etnia ou nacionalidade. Ampliar a família é estender o alcance do sentido da própria vida, tornando seu mito pessoal maior do que a existência num corpo físico.

Relacionar-se afetivamente com alguém é um anseio de todo ser humano, por mais rude que ele seja. É o desejo pelo acasalamento e construção de uma continuidade pessoal, ampliando sua consciência com a inclusão de outras pessoas em sua vida. Essa busca arquetípica toma quase a totalidade da vida da grande maioria das pessoas. Para elas as alegrias e conflitos da vida geralmente se situam nessa dimensão. A exacerbação das experiências amorosas, em detrimento das outras dimensões da permanência no corpo, denuncia um viés no sentido que se atribui à vida física. Sem desprezar o ensejo pelo encontro amoroso com alguém, a vida contempla outros horizontes.

Apresentar uma imagem idealizada de si mesmo torna-se uma necessidade, a fim de facilitar a convivência social. Nenhum ser humano se mostra em sua totalidade. Todos buscam mostrar o melhor de si mesmos, a fim de se inserir adequadamente em sociedade. Consequentemente, o lado negativo da personalidade é escondido ou não percebido. Com isso, o ser humano oculta-se e se esconde de si mesmo, porém, com essa atitude, inevitavelmente evita parte de si mesmo, em benefício da vida coletiva. A personalidade se manifesta parcialmente, não se realizando totalmente. Vive uma vida artificial, mostrando o que não é e sem integrar todos os aspectos do seu eu. Vive o mundo da *persona*, sem coragem ou sem conhecimento para apresentar uma personalidade que integre os dois aspectos. Valoriza títulos, posses, bem como qualidades exteriores ao indivíduo. Tais pessoas criam estereótipos de si mesmas. Consciente ou inconscientemente, vivem os mitos do poder e da superioridade pessoal. Andam buscando a valorização da tradição, do nome de família, consideram bons casamentos os que trazem vultosas heranças e não costumam tolerar misturas raciais. Seu mito pessoal é sua valorização em relação aos outros.

Perceber os conselhos de uma voz interior sábia é o constante diálogo interno consigo mesmo, bem como com espíritos desencarnados que se acercam do ser humano, quer ele acredite ou não. Esses diálogos se constituem numa espécie de conversa com um outro *ego*, que funciona como interlocutor auxiliar na vida da pessoa. Essa relação com um outro eu, visando a busca de significados pessoais, deve ser confrontada com a realidade, a fim de que a vida não permaneça limitada dentro de si mesmo. O interno deve ser confrontado com o externo, a fim de que o indivíduo saia de si e vá em direção ao outro e ao mundo.

Outra busca arquetípica é a sede que o ser humano tem em compreender a vida externa. Nessa busca, ele amplia o intelecto, aumentando seu volume de informações. O que parece ser uma melhor compreensão da vida pode levar o indivíduo ao excesso de conhecimento acerca de tudo. Tal conhecimento, por ser muito amplo, poderá ser superficial, sem a penetração na essência das coisas e de si mesmo. A busca pelo saber, pela simples vaidade em obtê-lo, direciona a vida para a racionalidade. O mito pessoal será o do controle e da informação, sem real apreensão do significado da vida.

Reconhecer e adotar uma certa ordem na vida é guiar-se por algum norte ou sistema de valores. Ninguém vive sem um sentido diretor, pois isso representa a própria imagem do eu pessoal. Esse sentido diretor deve estar conectado com algo superior (*Self*) para o equilíbrio e desenvolvimento da personalidade. Há pessoas que guiam suas vidas por idéias e sentimentos dissociados do encontro consigo mesmo. Vivem do passado, das tradições seculares ou do novo, sem o equilíbrio entre eles. Passado e futuro são polaridades que interferem no presente e devem ser integrados na consciência. Quem vive muito o passado e foge do novo, assemelha-se a quem nega o passado e se apega às novidades. É preciso que nossas tradições e nortes adotados sob influência da educação familiar, recebam a contribuição do novo e das transformações sociais. Essa integração faculta à consciência a abertura para a criatividade. Apegar-se ao passado demonstra que o mito pessoal está preso no inconsciente.

Resistir à permanência numa certa inocência e ingenuidade na vida significa viver na direção do processo de amadurecimento da infância à vida adulta. Todo ser humano busca sair da ingenuidade e inferioridade sentidas na condição infantil da personalidade. Há pessoas que buscam uma eterna juventude, sob pretexto de permanecerem jovens. Cultuam o corpo e sua estética, muitas vezes em detrimento da educação da alma. Nada contra os cuidados que se deve ter com o corpo e a saúde, porém deve-se ter a precaução de não cristalizar a mente em atitudes restritas a esse campo. A cada idade ou fase da vida, existem experiências oportunas a serem vividas. Os cabelos brancos de alguém, por exemplo, podem ser um sinal de que adequadas experiências devam começar a ser vividas. Aqueles que vivem presos à infância ou à juventude são pessoas que não compreendem que a vida possui ciclos

que devem ser abertos e outros, fechados. É típico do *Puer*⁴ permanecer com o ciclo da juventude aberto. Ser jovem é um estado de espírito e não uma condição física. O *Puer* pretende permanecer na puerilidade sempre. No fundo teme a velhice e a morte. Seu mito pessoal é alcançar a condição de Narciso: belo, mas apenas isso.

O *Puer* tem a tendência regressiva inconsciente de permanecer sempre infantil, dependente, apegado a padrões fantasiosos e negando o enfrentamento dos desafios que o levam à maturidade. A individuação passa pelo sacrifício consciente dessa tendência regressiva. A individuação é a realização da personalidade integral, isto é, tornar-se um indivíduo que saiba viver coletivamente, realizando-se.

Tais tendências devem e precisam ser atualizadas nas várias fases da vida, evitando-se submeter inteiramente a elas ou fugir das experiências que as constituem. A Vida exige que todos atuem na direção do crescimento pessoal e coletivo. Aperceber-se de quais processos arquetípicos não foram vividos, bem como daqueles que foram repetida e intensamente atualizados, contribui para a análise do mito pessoal. Fundamental é não perder o trem da vida, ao deixar passar oportunidades importantes de crescer.

Há pessoas que se demoram numa busca específica, centrando seu mito pessoal num dos propósitos citados. Muitas vezes, a demora se deve a processos cármicos não resolvidos em vidas passadas. Algumas não conseguem alcançar o que desejam, mesmo sendo algo simples para os outros. O que parece ser fácil para os outros, é custoso e sacrificial para aquela pessoa. Perceber qual ou quais daqueles processos têm tomado a maior parte da consciência e da vida da pessoa, é uma pista para o mito pessoal. É possível mudar isso. É preciso ter consciência do que a Vida quer ensinar com a dificuldade apresentada na realização daquela busca arquetípica. Experiências semelhantes, menos sacrificiais, poderão fazer a pessoa integrar o que lhe falta.

Alguém que, por exemplo, deseje ter um filho e não consiga por ter problemas ligados ao seu aparelho reprodutor, poderá centrar boa parte de sua vida neste propósito. Viverá o mito da maternidade não alcançada, sentindo-se incapaz e infeliz por isso. Poderá sublimar sua dor, aceitando conscientemente a impossibilidade e redirecionando suas buscas. Poderá também adotar um filho, amenizando seu sentimento de impotência materna. De qualquer forma terá como principal mito de sua vida a realização do materno. A saída, diante da impossibilidade material em realizar seu desejo, poderá estar na maternidade exercida coletivamente, isto é, ser materno, acolhendo as pessoas e alimentando suas esperanças.

Pode-se adiar a vivência de certas experiências por algum tempo, porém não se conseguirá alcançar a condição de ser espiritualmente evoluído nem a felicidade plena sem integrar o que lhe falta na personalidade. A renúncia momentânea na realização de uma determinada busca arquetípica poderá ser útil ao espírito encarnado ou desencarnado, principalmente nos casos em que houve excesso de uso.

⁴ Significa criança. Aqui é colocado como uma tendência a atitudes infantis, em desacordo com a idade cronológica do indivíduo.

O passo seguinte será aprender a usar adequadamente a energia da vida, a serviço da própria construção da personalidade sadia. A Vida nos oferece tudo, mas nos cobra muito. O preço que se paga pelo que a Vida oferece, não é outro senão a própria conquista da felicidade plena do espírito. Tal felicidade é vivida em sociedade. Aparentemente fácil de ser conseguida, porém requer o uso da energia psíquica ao longo das várias encarnações.

As buscas arquetípicas são tendências que podem ou não ser realizadas numa encarnação. O livre arbítrio de cada um definirá o que deseja experimentar naquela encarnação. A compreensão cada vez crescente das leis de Deus fará com que o espírito defina o momento mais oportuno para realizá-las.